



## **EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: MEMÓRIAS E IMAGENS DE CASAMENTO NA COMUNIDADE DA FIRMEZA- ORIZONA GO (1920-2011)**

MARIA APARECIDA GONÇALVES PEREIRA OLIVEIRA\*<sup>1</sup>

O relato de experiência que segue é um projeto que se intitula Memórias e imagens de casamento, foi realizado no Colégio Dorvalino Fernandes de Castro, situado no meio rural no município de Orizona Goiás. As atividades foram desenvolvidas, no quarto bimestre, 2012, com a turma do 8º do ano. Essa turma era participativa, criativa e com a maioria dos alunos, não apresentava dificuldades na aprendizagem. Sendo, portanto, compensador a realização do projeto, embora sabemos, que imprevistos acontecem, de um ou outro aluno, não fazer as atividades propostas, mas que não interferiram, no andamento do trabalho, sendo concretizado com êxito, e o mais importante, foi compensador o trabalho com as memórias da comunidade local, que era nosso foco principal.

Organizado por mim, profª regente de História Maria Aparecida, dos funcionários do administrativo Renato Castro (Graduado em História), Sônia de Fátima, alunos e a participação da comunidade. Sendo uma parte da pesquisa em andamento sobre o trabalho com memórias em sala de aula.

O objetivo principal foi despertar nos alunos a importância de preservar a memória do passado, através de relatos e imagens fotográficas e levar a comunidade para o âmbito escolar. Os alunos e Renato fizeram entrevistas sobre casamentos. Cabendo a mim e a Sônia, a organização das atividades. Os registros catalogados são da década de 1920 aos dias atuais, ou seja, 2012, período em que ocorreu a experiência pedagógica. Vimos como os relacionamentos e a moda dos vestidos de noivas, mudaram ao longo do tempo. As imagens fotográficas eram de difícil acesso e cara, portanto, sendo impossível o registro em muitos casamentos, diferentemente do que ocorre atualmente com amplo uso de imagens e vídeos. Embora não há, em grande

---

\* Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Mestrado profissional em História “História, Cultura e Formação de Professores”

parte, a preocupação em revelar as fotografias acontecendo alguns imprevistos, vindo a perder arquivos.

Este projeto teve como objetivos discutir as memórias e imagens fotográficas de casamentos acontecimentos no período proposto, ou seja, de 1920 a 2012, além de estudar a história local por meio de namoros e casamentos de pessoas da comunidade, para compreender os laços de parentesco presentes na região. Vale mencionar que eu, e especialmente os alunos, em sua grande maioria, são parentes - próximos e/ou distantes. O projeto utilizou como fundamentação teórica os seguintes documentos: a história oral, a fotografia, a memória e a oralidade.

Dessa maneira, ministrando aulas nas disciplinas de História, Artes e Orientação Agroambiental, no Colégio Municipal Dorvalino Fernandes de Castro, uma das metodologias que uso é o trabalho com projetos. Acredito que esse tipo de didática valoriza o conhecimento que os alunos possuem, além de fazer com que os estudantes participem da produção do conhecimento. Ademais, os alunos gostam dessa metodologia de ensino e aprendizagem porque podem participar, diretamente, da produção do conhecimento, saindo um pouco da rotina da sala de aula, muitas das vezes cansativas e frustrante, tanto para os alunos quanto para mim, professora.

Além de trabalhar com projetos, gosto de sair da sala de aula para ministrar aulas: sentamos na calçada em frente à Igreja, vamos para a quadra de esportes, sentamos debaixo de árvores no pátio da escola, etc. Isso não atrapalha o andamento das aulas, pelo contrário, os estudantes participam com mais interesse, sem se “deixar levar” pelos acontecimentos ao nosso redor. Acredito que o ambiente externo à sala de aula é importante para desenvolver o aprendizado. Dentre essas metodologias, destacamos os dois projetos já citados, que embasaram nossa temática com o estudo da história oral e outros documentos na sala de aula, levando os alunos a pensar sobre a História.

Como professora dessa disciplina, incomoda-me muito quando ouço as pessoas dizerem, e mesmo meus alunos, sobre essa área do conhecimento: “*Pra que estudar História*”? “*Pra que estudar a história de quem já morreu*”? “*Pra que lembrar de personagens, de fatos do passado*”? “*Pra que saber como o povo vivia antigamente*”? Em relação às outras pessoas, não posso fazer muito, mas, enquanto mediadora do

conhecimento, tento passar aos meus alunos que a história é construída com os acontecimentos do dia a dia, tanto na política, economia e na vida social quanto no cotidiano de cada um de nós, afinal, é o passado que interfere em nosso presente quando registramos em nossa memória fatos e vivências passadas.

Os objetivos proposto através da fonte oral, foi a necessidade de observar mudanças comportamentais na comunidade da Firmeza, analisando as transformações do hábito e costumes nos relacionamentos amorosos que chegavam ao enlace matrimonial, no período proposto. Levar os estudantes a perceberem as condições socioeconômicas no contexto dessas mudanças e as transformações para os grupos envolvidos. Outro fator é a preservação da memória desse passado recente e compreender a relação de parentesco existente na comunidade escolar.

A ideia de realizar o projeto partiu de uma indagação: um aluno novato, observa que há vários parentes na comunidade escolar, e questiona: “Professora, porque tem tantos parentes nessa escola?”. Eu disse a ele: “Boa pergunta! Vamos fazer uma pesquisa pra descobrir a relação de parentesco presente aqui na escola”. Convidei o Renato Di Castro e a Sônia, ambos funcionários da escola e trabalham no administrativo. Reunimos e discutimos como poderíamos executar um projeto, que viesse a sanar as indagações feitas acerca da temática: descobrir porque há uma relação de parentesco no espaço escolar, e mais fazer um breve estudo da história da região, compreender as mudanças e permanências no modo de vida da comunidade local.

Preparamos o projeto, com ampla discussão sobre a temática.

Finalizado a parte teórica da pesquisa, começa-se a colocar em prática. A pesquisa foi organizada da seguinte forma:

**Introdução:** No primeiro momento propusemos aos alunos acerca do tema, relacionando-os à vida dos alunos, pois na maioria dos casos iriam entrevistar parentes e as dificuldades ao realizar um trabalho com uso da fonte oral.

**Desenvolvimento:**

**Módulo 1: Apresentação do projeto**

Reunimos, eu, o Renato e a Sônia, para decidirmos quais metodologias a serem empregadas na pesquisa, a duração, e a série que participaria das atividades. Optamos

pela turma do 8º ano, por serem criativos, participativos e demonstrarem interesse pela temática, além de ser uma turma relativamente pequena, com 14 alunos. Decidimos que iríamos trabalhar com depoimentos orais e entrevistas. Com as ferramentas que eles possuem e dominam bem, o celular e a câmera fotográfica.

O trabalho de campo foi individual, pois os alunos residem no meio rural. Alertando para os alunos a necessidade de procurar as pessoas que iriam dar entrevistas, explicitar como seria realizada a coleta de dados e o trabalho com as fotografias. Para em seguida retornar à residência para a coleta de dados.

Apresentamos um guia de entrevistas, alertando que este poderia modificar ao longo do depoimento, com questões levantadas pelo entrevistador.

Módulo 2: Colhidos os depoimentos fizemos uma leitura dos mesmos, digitamos e as imagens fotográficas foram então digitalizadas. Observando que alguns não aceitaram que levassem à escola com medo de perder ou algo nesse sentido, pois muitos só dispunham de uma fotografia. Confeccionamos convites de casamento que foi enviado à comunidade para a exposição que realizou aos 21 de novembro, 2012.

Módulo 3: Procuramos o Sr. José Francisco, nosso aluno da EJA, no ensino municipal, que estuda em outra escola, para que fizesse um poema acerca do tema, com base nos relatos, que foi aceito prontamente. O poema foi então apresentado no dia da exposição. O Sr. José Francisco com base nessas narrativas, escreve o poema, destacando as mudanças e permanências nos relacionamentos amorosos, ao longo do período proposto. Por ser extenso apresentaremos alguns versos:

#### Memórias de casamento

Na época de antigamente  
No casamento tinha dança  
Casavam-se só os parentes  
Para conservar a herança.

O namoro naquele tempo  
Não tinha abraço e beijo  
Era pelo buraco da parede  
Que matava o desejo.

[...]

Mesmo casando sem amor  
A vida era assim  
Passava a gostar um do outro  
E era feliz até o fim.

[...]

O sofrimento no casamento  
Dizia que era sorte  
Sofria a vida toda  
Separação só morte.

[...]

No casamento de antigamente  
A mãe era a mais humilhada  
Só servia para gerar filhos  
E da casa cuidava.

[...]

Uma coisa muito triste  
Que com o tempo foi mudado  
Casa no maior entusiasmo  
Mas brevemente tá separado.

Para terminar esses versos  
Não todas as famílias desse jeito  
Tem muitas famílias sérias  
Que vivem com o maior respeito.

José Francisco Pinheiro

Convidamos também senhora Inês que é escritora, residente na cidade, mas com forte vínculo familiar com a comunidade da Firmeza, para fazer uma palestra acerca dos relacionamentos na atualidade. Interessante notar que ela deu “conselhos” ao comportamento nos namoros atuais que ela chamou de “liberal demais”, que o corpo é “morada de Deus” portanto, deve ser bem cuidado e vigiado, especialmente no que tange às meninas. Sua fala se realizou no pátio da escola, encerrando o projeto.

Módulo 4: O encerramento aconteceu, com a exposição, em uma sala da escola. Organizamos uma exposição com roupas de noivos e noivas, cedidas por alguns casais, imagens fotográficas catalogadas de acordo com década correspondente aos relatos,

lembrando que de seria 1920, a mais antiga que conseguimos aos dias atuais (2011). Exposição de álbuns de casamento e um bolo de casamento, doces, buquê de noiva, etc. Montamos um altar, pois pelo que observamos nos relatos os casamentos foram realizados na Igreja Católica.

Módulo 5: Avaliação: Dividida em três etapas: a primeira, relacionada ao momento da pesquisa documental, através da história oral e à sua apresentação. E a segunda, produção de texto sobre a temática, enfocando as mudanças nos relacionamentos do período proposto. E, finalmente, uma roda de conversa, para discutir, analisar e observar a percepção e o aprendizado dos alunos com o trabalho com documentos, em especial, a memória.

Assim, ao propormos a metodologia de ensino através da fonte oral aos nossos alunos, devemos ressaltar que devem tomar alguns cuidados em relação entrevistado/entrevistador, especialmente no que tange à sensibilidade com que devem tratar os entrevistados. Alertando que o depoimento, apesar de ser dirigido, precisa ser espontâneo, ou seja, não há a necessidade de que fale o que o aluno queira ouvir e registrar.

Como ação pedagógica, trabalhamos com as memórias de nossos personagens, com o intuito de tentar levar os alunos a compreender o cotidiano desses sujeitos, através de suas narrativas. Embora na maioria das vezes não haja essa percepção, de tempo e espaço “O jovem não vê, nas experiências do passado, vestígios das experiências que conferem modelos ao mundo ao qual vive” (CAINELLI, 2009: p. 128). Ou como coloca Hobsbawm “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (HOBSBAWM, 1995: p. 13), ainda de acordo com o autor, o ofício do historiador é lembrar quando os outros esquecem.

Schmidt e Cainelli parte do pressuposto de que todos os homens são agentes históricos, ou seja, que a história é feita por todos nós. E enfatizam ainda que um dos objetivos do ensino de História (SCHMIDT/CAINELLI, 2004: p. 125)

*(...) consiste em fazer o aluno ver-se como partícipe do processo histórico. Tal compreensão, de um lado, deve levá-lo a entender que*

*sua história individual, resulta de um movimento processual e, de outro, a compreender que também ele faz a história.*

Com isso, o desafio que o ensino de história enfrenta é o de tornar consciente a sua relação com o presente para orientar o agir. Aprender é algo constante e no que se refere ao aprendizado em sala de aula dar-se-á de diversas formas e para Rüsen “[...] A História pode ser aprendida dos mais diversos modos e com os mais diversos conteúdos, daí a necessidade do trabalho interdisciplinar como método de ensino da história” (RÜSEN, 2010: p. 91).

Ao discutir a história oral trabalha-se com a memória, que Jacques Le Goff, a memória tem um papel importante na conservação de informações do passado, podendo abordar a problemática referente ao tempo e à história “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Embora Le Goff (2003: p. 419) nos diz que a memória é individual e psicológica, mas também está ligada à vida social, e tanto na memória individual e coletiva, há a apropriação do tempo quando o indivíduo narra suas vivências. Mesmo que essas lembranças venham deformadas, modificadas, são essenciais no modo como vivemos no presente, pois estas reminiscências nos ajudam a determinar em nossas decisões cotidianas, influenciando o presente, ao reinterpretar o passado, e direcionando decisões para um futuro próximo ou distante. E o relembrar é indispensável quando o foco da pesquisa é a memória de um passado recente.

Ao discutir a fonte oral, trabalha-se a memória, pois a memória do entrevistado é atual, ou seja, contemporânea, para tanto necessita-se de indivíduos que disponibilizam de tempo e interesse pelo tema proposto pelo pesquisador, facilitando a recordação, do chamado “arquivo provocado”, ou seja, algo construído à posteriori dos fatos narrados.

Passaremos uma breve contextualização histórica da região e as discussões dos relatos selecionados.

Não se tem registro ou conhecimento sobre os primeiros moradores da região de Firmeza, sabe-se, porém que em 1850 a família Fernandes de Castro chega a esta região e ocupa grandes extensões de terras. Assim descreve “Fia”: “os Fernandes essa raça de

gente era grande, era muita coisa, tudo tinha muita terra, tudo tinha conforto”. (Maria Fernandes da Silva, outubro, 2012). Pode-se também destacar a família Fernandes de Lima e a família Pereira como as pioneiras neste local.

Assim sendo compreende-se que, eram poucos os moradores da Firmeza e mesmo os do município de Orizona, na década de 1920 e as três décadas seguintes. O acesso a outras localidades era difícil, devido às viagens serem realizadas a pé, a cavalo ou de carro de boi, tornando-se comum os casamentos entre parentes próximos. Daí os casamentos acontecerem com certa frequência, com parentesco próximo.

Outro motivo era a herança, pois se o casamento fosse entre parentes os bens permaneceriam na família. E isso acontecia com as demais famílias também, com os Pereiras e os Limas, porém ocorreu constantemente o matrimônio entre estas três famílias. Este fato permite compreender o porquê de quase todas as pessoas da região de Firmeza terem uma relação de parentesco próximo.

Chamou-nos a atenção também foi o fato dos casamentos serem “arranjados”, ou seja, eram os pais, que em muitos casos escolhiam os noivos, por questão financeira, por parentesco ou simplesmente por questão de amizade. Era comum também, que as moças casassem novas. Donata conta que sua avó casou-se com 13 anos. É interessante ainda mencionar, que elas eram constantemente vigiadas pelos pais. Fato este explica o motivo dos quartos das moças serem sempre em um pequeno cômodo na parte mais alta da casa, com no máximo uma janela e sempre depois do quarto dos pais, para não haver perigo de “fugidinhas” durante a noite.

Ilza Gonçalves de Sousa conta-nos que, na época de 1970 o namoro era bem mais rígido que atualmente, só podia pegar na mão do namorado se fosse de longe. O namoro acontecia dentro de casa e com os pais vigiando para que não acontecesse nada antes do casamento, por exemplo, ficar grávida. Mas o amor era muito sincero e verdadeiro, segundo nos disse. A preparação do enxoval até que era fácil porque desde pequena as meninas começavam a fazer os seus enxovais, tudo era feito de algodão. Para a residência do casal compraram um lote e construíram a sua casa, os móveis eram feitos pelo homem e o fogão era a lenha (formalina). Observa-se nesse relato, que as moças eram vigiadas pelos pais, e que tinham que confeccionar o enxoval, tudo



artesanal, pois o acesso à cidade era difícil e o mesmo acontecia em relação ao imóvel e a mobília da casa. “O casamento foi realizado na Igreja da Cachoeira, em cinco de setembro de mil novecentos e setenta. Neste dia estava chovendo muito. A cerimônia foi simples, porém tudo era bonito e muito bom”. (Ilza Gonçalves de Sousa, Firmeza, 2012)

No texto a seguir, escrito por Amanda Castro observamos que para fugir das agressões sofridas pelos pais D. Luzia se casa bem jovem: “Luzia se casou nova seguindo os conselhos de sua mãe, pois, seu pai era muito bravo e ela apanhava muito. Era uma forma de se livrar das frequentes agressões. Ela, com apenas 14 anos e Irandes com 18. Casaram-se no dia 26 de dezembro de 1960. O casamento foi realizado em Orizona na Igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade, foram a cavalo debaixo de chuva. Quando voltaram fizeram um almoço simples para os familiares, tinha para comer: arroz, feijão e carne e refrigerante Jaó para beber”. (Luzia Helena de Castro Lima, Firmeza, outubro, 2012).

Interessante notar que as moças eram forçadas a se casarem para não ficar “beatas”, como podemos observar no depoimento colhido por Renato: Maria Fernandes da Silva mais conhecida como “Fia” ou “Vidotinha” aos 93 anos possui uma memória privilegiada e rica em detalhes. Conta que perdeu seu pai logo cedo, ainda criança. Sua mãe passou a tomar conta da família e dos negócios. Sua mãe vendo que sua filha estava ficando velha ajeita um namorado para ela. “Fia” relembra que: “todo fim de semana envinha, mais que diacho de... mais eu ficava numa raiva, eu num ia na sala neim” (Firmeza, outubro, 2012). E com gesto demonstra como sua mãe fazia, beliscando o braço e empurrando-a para a sala. Conta ao Renato, um fato ocorrido em uma das visitas de seu pretendente, pensado que este não voltaria para vê-la

Quando foi uma vez eu ri o resto da noite e o dintirim rindo, de alegria de trem bão que eu achei, a varanda lá de casa, era cumprida, lá tinha uma caixa cumprida, ela era comprida mesmo de guardar coberta e a largurinha era estreita e ai quando foi de noite a mãe foi arrumar a cama lá e pois umas cadeiras na berada assim, e na ponta para dar cumprimento e largura né. Ai quando foi de noite era quais perto de amanhecer eu escutei um baruião, aqueles assoaios fazem um barui, ele caiu da cama. Até hoje quando eu alembro eu ainda... Mais eu achei bão... Manheceu lá foi nunca, levantou as cadeiras e... mais o susto foi essi, eu ri demais, óh! Mais foi um baruião, um baruião das

cadeiras caindo nu assuaio, caiu tudo! Os trêm da cama foi tudo pu chão tamem... Eu ri o dintirim e o resto do dia, num podia lembrar, quando eu passava lá ria até fica molinha (novembro, 2012).

Porém, a mãe insistia e o moço Florentino também. Sua mãe dizia que ela estava ficando velha, precisava se casar, a jovem dizia “deixa ficar, não quero casar”. Descreve-nos que não tinha ilusão de casar e queria ser era beata, “era mais bão, tinha liberdade para fazer o que quer”. Mas mesmo contra a vontade acaba se casando com 29 anos, em Orizona, durante a Festa de Nossa Senhora da Piedade. Foram de carro de boi para a cidade. O deslocamento à Igreja foi a pé, de vestido branco e grinalda, não tiraram foto nem fizeram festa. Retornando do casamento, foram morar na casa de sua mãe até construir sua casa. Quando perguntamos, se ela aprendeu a gostar de Florentino, responde: “ai foi o jeito né, num tinha outro recurso... foi gostando assim devagar, mas num foi de uma vez só não”.

Assim como dona Fia, muitas jovens eram obrigadas a se casarem, por imposição dos pais. Muitas casavam muito jovens entre 14 e 17 anos. Tendo que constituir a família, muitas vezes sem o sentimento que une os casais: o amor. Em alguns casos, com o tempo, a convivência aprendiam a amar e a respeitar, até a morte, pois os casamentos só acabavam com a morte de um dos cônjuges. Com o passar do tempo, as mudanças ocorreram, como acontece naturalmente, os relacionamentos passaram a não ter a imposição dos pais, casando por amor. Vejamos o que observa a aluna Dan sobre o casamento de seus pais:

Meu pai conheceu minha mãe no Taquaral. O namoro deles é igual o de hoje: beijo na boca e abraço apertado, e mãos dadas. Eles namoraram 4 meses e minha mãe ficou grávida. Não teve a preparação de enxoval. Na época só tinha coberta [de algodão] e lençol. “Eu juntei para morar com meu marido. Tinha uma chácara que meu avô deixou de herança para meu pai, e ele construiu uma casa muito boa”. E existia amor entre eles. O casamento foi comunitário, no dia 30/01/2000. A cerimônia foi muito simples e bonita na Firmeza. Foi na Igreja Santo Antônio e quem tirou as fotos foi a Carmelita. A câmera fotográfica era colorida. A festa foi ótima, deu muita gente. Todo mundo comemorou. No casamento comunitário, tinha um

enorme bolo de casamento, tinha muita bebida, mas não teve forró (novembro, 2012).

Diante disso, no decorrer da realização e fechamento do projeto, percebemos a necessidade do estudo da memória, para os alunos, que a maioria, não se importa com fatos do passado, de tentar compreender o porquê de sua história e vivência estar ligada à comunidade local, influenciando suas atitudes no presente.

O passado que não tem registro, é um passado que corre o risco de cair no esquecimento. Daí a necessidade de registrar, de arquivar, para que outros possam valer desse documento para pesquisas posteriores, como é o caso desse projeto.

Atualmente os meios de preservar a memória se tornaram múltiplas e abundantes: como exemplo, a fotografia, que foi um de nossos objetos de estudo. Sendo assim, uma fonte muito importante, sendo possível registrar detalhes ocorridos nas mudanças dos vestidos de noivas. Entre as décadas de 1920 e 1960, os mesmos apresentavam com mangas compridas, sem decote e com tecidos tampados. Na década de 1970, inicia-se o uso a chamada manga três quartos.

Nas décadas seguintes diminuiu as mangas, surgiu a renda e os decotes ficaram cada vez maiores. Atualmente a ousadia nos vestidos de noiva tem-se mostrado com muito decote, transparências e até o “tomara que caia”, que se observa no vestido da Ariane em seu casamento, 2011. O uso de imagens fotográficas, em alguns casos não era possível, devido às dificuldades financeiras e de se encontrar um fotógrafo.

Outro detalhe foi o véu de noiva, que nos finais do século XIX e até a primeira metade do séc. XX era visto como sinônimo de “pureza”, pois só poderia usar se a moça fosse virgem. Com o tempo deixou de existir, em que as noivas usam penteados com alguns adornos.

Notamos que além dessas mudanças no estilo do vestuário dos casamentos, os relacionamentos e a forma de vivenciar, foi mudando ao longo do tempo. Nos relatos dos casamentos mais antigos, os namoros eram bem rigorosos. Não havia contato físico. A maioria acontecia somente pelo olhar, e com a presença dos pais. Com o passar do tempo os relacionamentos e/ou casamentos foram tornando-se “mais liberais” como relata aluna Heloísa.

A responsabilidade pela festa do casamento era da família do noivo, cabendo à noiva confeccionar o enxoval. Os casamentos eram simples, em alguns casos não havendo comida nem bebidas.

A aluna Keyla, faz sua pesquisa com depoimentos de sua avó, sua mãe e tece um paralelo entre os relacionamentos: Dona Avani, minha avó, “não era muito de namorar, seu único namorado foi seu esposo, o Sr. João. Segundo dona Avani, o namorado conversava mais com o sogro do namorava com ela. Namoravam sob o olhar atento dos pais dela, só podia pegar na mão. Beijo não era permitido ... são felizes e com o mesmo amor de quando se casaram”. O namoro e casamento dos pais da Keyla apresenta-se também com muito respeito “A senhora Rachel teve apenas uma namorado, o Sr. Edson ... seu pai era ciumento. Mas eles podiam pegar na mão e se beijavam, porém longe do pai ... estão casados há 19 anos e se amam muito” e complementa “Eu, Keyla, faço parte dessa geração, vamos ver daqui há alguns anos, como será minha história de vida amorosa!” (Keyla, outubro, 2012). Notamos na fala da aluna Keyla que as memórias narradas por sua mãe e avó, estão de certa forma influenciando seu cotidiano, percebendo a continuação de sua história de vida e das demais pessoas com as quais relaciona.

Essas memórias estão entrelaçadas na convivência que se apresenta em várias etapas da vida em sociedade e da aprendizagem humana - formal e/ou informal - que acontece ao longo da vida (MARTINS, 2011: p. 45-46). Hobsbawm (2013) declara que a humanidade tem consciência de seu passado, pois convive com pessoas mais velhas. E, para o autor, “O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana” (HOBSBAWM, 2013: p. 25). Sendo assim, o passado não pode ser visto como algo que não existe mais, que ficou preso no tempo, mas sim que está presente na história da humanidade, influenciando atitudes e comportamentos do dia a dia. Ainda de acordo com o autor, é indispensável que façamos relações entre passado, presente e futuro.

*É inevitável que nos situemos no continuum de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. É inevitável fazer comparações entre*

*passado e presente: e essa é a finalidade dos álbuns de fotos de família ou filmes domésticos. Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa* (HOBSBAWM, 2013: p. 25).

Pensando nisso, desenvolvo projetos e métodos de ensino com trabalhos que utilizam a história oral, além de outras fontes, para que esses sujeitos percebam que suas histórias e identidades são construídas ao longo de suas trajetórias de vida, refletindo no modo de pensar e agir. Entendo que, ao fazer isso, os alunos estabelecem relações de tempo e espaço, noções de permanência e mudança no modo da própria vida e de outras pessoas, em diversos espaços onde a história acontece.

Diante do relato de experiência aqui apresentado, que pautou na fonte oral, com depoimento de pessoas da comunidade da Firmeza, narrando suas vivências nos relacionamentos afetivos e casamento, e o uso da imagem fotográfica, deu-nos a dimensão do trabalho com a memória, extremamente rica e ao mesmo tempo complexa. Os alunos perceberam que as formas de relacionamentos, assim como a sociedade sofrem mudanças ao longo do tempo. E perceber que o aluno passa a ser agente histórico e produz o conhecimento, através de uma metodologia que o incentiva a realizar sua pesquisa.

Com isso, trabalhando com várias linguagens percebemos a amplitude da memória, haja vista que ela pode ser representada de distintas formas. Os alunos, e mesmo nós: Eu, Renato e Sônia, ao realizarmos a pesquisa, tivemos que lidar com fontes documentais que viessem a fomentar as propostas do projeto, ou seja, o estudo da memória, percebemos a importância de introduzir novos recursos e métodos no processo de pesquisa, ensino e aprendizagem.

Ao trabalhar essa metodologia no ensino de História com documentos/fontes faz-se com que o aluno compreenda que não basta apenas realizar a pesquisa, coletar informações, registrar imagens, coletar e transcrever a fala do depoente, precisa perceber que o material coletado se torna um aprendizado, um saber escolar, e mais ainda: uma fonte de pesquisa. Por outro lado, esses métodos faz com que a educação seja centrada no sujeito, uma educação que amplia a concepção do papel educativo na formação do indivíduo.

Referências bibliográficas:

HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp. 07-60.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas – SP. Ed. Da UNICAMP, 1992.

MARTINS, E. C. de Rezende. História: consciência, pensamento, cultura, ensino. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 43-58, out./dez. 2011.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 1ª reimpressão, 2007.194p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, Cainelli, Marlene. Ensinar História. 2ª ed. São Paulo; Scipione, 2004. (Coleção pensamento e ação na sala de aula)